

se ao seu novo sócio correspondente Tenente-Coronel JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO, membro da Comissão de Redação da *Revista Brasileira de Geografia*.

Também foi eleito recentemente para o quadro dos membros correspondentes o Capitão SEVERINO SOMBRA, oficial do Estado Maior do Exército e sócio fundador do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

ATIVIDADES CULTURAIS DA SOCIEDADE "AMIGOS DA FLORA BRASÍLICA"

A Sociedade "Amigos da Flora Brasileira", sediada na capital de São Paulo realizou, durante o ano de 1940, as seguintes conferências: Dia 30 de Abril, Sr. F. C. HOEHNE, "O duplo aspecto do problema florestal". — Dia 20 de Maio, o mesmo, "As orquídeas do Brasil". — Dia 24 de Junho, Sr. J. F. TOLEDO, "Fatores e aspectos da vegetação e utilidade prática do seu aproveitamento". — Dia 29 de Julho, Dr. RAUL DRUMMOND GONÇALVES, "O desaparecimento e o ressurgimento da cultura do marmelo". — Dia 19 de Agosto, Prof. WETRON HOEHNE, "Anatomia vegetal e sua utilidade prática". — Dia 7 de Setembro, Dr. J. GONÇALVES CARNEIRO, "Introdução e aclimação de plantas usadas contra a lepra". — Dia 23 de Setembro, Sr. MANUEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA, "Aspectos históricos da Botânica no Brasil". — Dia 21 de Outubro, D. BENTO PILKEL, "A primeira obra de história natural brasileira". — Dia 4 de Novembro, Sr. MANSUETO KOSCINSKI, "Aproveitamento racional da floresta". — Dia 18 de Novembro, Sr. FELISBERTO CAMARGO, "As bromeliáceas para a indústria das fibras". — Dia 16 de Dezembro, F. C. HOEHNE, "Simbiose na natureza".

CENTRO DE ESTUDOS INTER-AMERICANOS

Na cidade de S. Paulo fundou-se, a 15 de Fevereiro último, o Centro de Estudos Inter-Americanos, tendo por finalidade promover o intercâmbio cultural entre os institutos congêneres do continente.

A ação programática do novo órgão constará de um *Curso de Cultura Americana*, onde serão estudados os problemas americanos; a realização toda semana de uma *Hora de Arte Americana*, programa radiofônico a ser transmitido semanalmente; e a instalação de um *Departamento de Informações* destinado a prestar aos interessados os esclarecimentos que solicitarem sobre o Brasil.

O C. E. I. A. cogita ainda da organização de uma "Biblioteca de Estudos Inter-Americanos", bem como da circulação de uma revista que se denominará "Continente" e outras publicações de autores das repúblicas americanas.

UMA CONFERÊNCIA DO PROFESSOR PIERRE MONBEIG SOBRE O PROBLEMA DO ESGOTAMENTO DAS RIQUEZAS

Efetuuou-se no dia 12 de Maio do ano fluente, mais uma reunião da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de São Paulo.

Nessa reunião o Professor PIERRE MONBEIG fez um resumo dos estudos do Professor SAUER, de uma das universidades de Califórnia, a respeito da questão do esgotamento das riquezas, por influência dos homens. Para êle, a história cultural mostra um verdadeiro *leit-motiv*, que é a vitória do homem sobre a natureza, ao par de uma *antifonia* que é a vingança ou a reação da natureza.

Estudando a história sob esse ponto de vista, reconhece quatro grandes etapas: 1.^a) que corresponde a um período de equilíbrio entre o homem e a natureza, uma verdadeira simbiose, durante o qual os vegetais e animais passaram a ser dominados lentamente pelo ser humano, sem qualquer reação em contrário; 2.^a) o período correspondente ao Neolítico, quando se inicia a discordância, com as transformações ocasionadas nos desertos do Velho-Mundo, em virtude das devastações levadas a efeito pelo homem sobre a vegetação; 3.^a) que corresponde ao fim do Império Romano e começo da Idade-Média, quando se efetuou a brutal transformação da paisagem da região mediterrânea, havendo desaparecimento do solo, degradação da paisagem botânica, etc.; 4.^a) que é a fase correspondente à expansão dos povos brancos pelo resto do mundo, sobretudo no século XVIII, quando a chamada "revolução industrial" tem como um de seus aspectos, e não como consequência, a exploração destrutiva da natureza. Em 150 anos da vida americana, foram feitas mais devastações do que em todas as épocas anteriores da história, o que significa que a nossa civilização baseia-se na exploração intensiva.

Procurando provar os seus pontos de vista, o Prof. SAUER apresenta os seguintes argumentos: a) a extinção de espécies animais e vegetais, o estoque de plantas agrícolas úteis ao comércio é muito menor do que o conhecido pelos primitivos; b) a localização das espécies em áreas muito restritas; c) a

evolução dos solos. Tratando desta última parte o autor lembra que no velho tipo agrícola, era característica a colaboração entre a criação e o arado, permitindo a renovação da riqueza do solo, ao passo que, nos países novos, a monocultura vive completamente isolada da criação, e vice-versa. Como os solos não recuperam o que perderam, o resultado é o seu desaparecimento.

A consequência de todos esses fatos é a necessidade de medidas a serem adotadas pela agronomia para a defesa do solo; tais medidas poderão, quando muito remediar a situação, mas não salvá-la, sendo sua aplicabilidade um tanto relativa, pelo seu alto custo.

O Prof. SAUER conclue o seu estudo chamando atenção para o exagerado otimismo antropocêntrico e para os novos problemas que poderão aparecer para a solução de tais questões.

Encerrando a sua palestra, o Prof. PIERRE MONBEIG pôs em relêvo três pontos à margem dos estudos que acabava de resumir: 1.º) a destruição não é monopólio dos povos brancos tanto assim que os sudaneses, com suas queimadas, concorrem para o aumento do domínio saariano; 2.º) a técnica dos povos brancos, estabelecidos fora da Europa, não poderia ser a mesma, porque em nenhum lugar puderam encontrar um quadro geográfico como o existente no continente europeu; 3.º) o estudo do Prof. SAUER demonstra a evolução do pensamento norte-americano, pois não é cheio de otimismo como costumam ser os trabalhos vindos dos Estados Unidos.

A INDÚSTRIA MADEIREIRA NO ESTADO DE SÃO PAULO

O Sr. JEAN LECOCQ, em 26 de Abril dêste ano, ocupou a tribuna da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de São Paulo, para debater e estudar a evolução da indústria madeireira naquele Estado. Lembrou especialmente a situação do mercado a partir de 1920, focalizando as zonas produtoras e os prejuízos causados pela irregularidade do tráfego ferroviário. Referiu-se detalhadamente à peroba rosa, cujas maiores e melhores reservas se achavam na Alta Sorocabana. As necessidades sempre crescentes do consumo na capital e a insuficiência dos meios de transporte tiveram como resultado a exploração intensiva de velhas zonas madeireiras, sobretudo a região de Barretos. A situação tornou-se gravíssima em 1925, quando um estoque de 200.000 m³ de madeira ficou à espera de condução, na zona da Sorocabana. Três anos mais tarde, com a regularização do tráfego, cessaram quase por completo as ativi-

dades nas regiões reexploradas, voltando a predominância a caber à Alta Sorocabana. Em 1930, a crise econômica deu um duro golpe na indústria, havendo a dispersão de muitos madeireiros; mas a reação teve lugar após 1932. A partir de 1937, instituiu-se o sistema de quotas, com o objetivo de normalizar o tráfego.

Referiu-se, depois à nova zona — a do norte do Paraná, onde veem tendo lugar derrubadas maciças, com instalação de serrarias no local. A região possui a cabreúva, o cedro, a peroba rosa e o pinho, o que lhe dá uma importância toda especial. Mencionou também a crise ocasionada pelo excesso de vagões: a baixa do preço em virtude do afluxo de madeiras, antes do início da safra do algodão e do café. Acentuou que o problema é apenas de super-produção advogando a necessidade de se criar um organismo à semelhança do Instituto do Pinho, que possa vir a zelar pelos interesses dos que negociam com outras madeiras.

Terminou a sua interessante palestra referindo-se à atual situação do mercado explorador de madeira e exibindo aos presentes numerosas amostras dos diferentes tipos aqui encontrados.

ESTUDO GEOGRÁFICO DO LITORAL PAULISTA

Realizou-se a 4 de Agosto dêste ano, mais uma sessão da Associação dos Geógrafos Brasileiros, sediada em São Paulo, tendo o Professor PIERRE MONBEIG participado oficialmente a organização do núcleo daquela entidade na capital do Paraná, presidido pelo Sr. JOSÉ LOUREIRO FERNANDES, diretor do Museu Paranaense.

A seguir, o Prof. ODILON NOGUEIRA MATOS passou a fazer a crítica do livro do Sr. GERALDO ROCHA, intitulado *O Rio São Francisco*, que oferece bastante interesse para o geógrafo. Depois de acentuar o papel histórico do grande rio brasileiro, o autor focalizou alguns aspectos da nossa agricultura e o problema da irrigação na região do São Francisco, realizando um estudo comparativo entre aquele rio e os rios Nilo, Niger e Iang-Tsé. Termina por apresentar um plano de reconstrução e aproveitamento do vale daquele rio.

Discorreu, depois, o Prof. JOÃO DIAS DA SILVEIRA, da cadeira de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dando conta de observações colhidas em algumas viagens realizadas em pontos diversos do litoral de São Paulo. O conferencista chamou a atenção do auditório para a sucessão